

3. Examinar-se sobre a própria vocação

“Bernarde, Bernarde, ad quid venisti?”

Esta pergunta é um exame constante de consciência sobre a verdade da nossa vocação e do nosso seguimento.

Se nos examinamos somente à luz de nós mesmos, acabamos sempre por confundir a vontade de Deus e, portanto, a nossa vocação, com as nossas pretensões orgulhosas. Examinamo-nos como quando se faz o balanço de uma empresa que vai bem se ganha sempre mais para si, se satisfaz o próprio interesse. Em vez disso, a medida da fecundidade de uma vocação cristã nunca é o ganho, o sucesso, a satisfação apenas para si, mas a fidelidade Àquele que nos chama, a disponibilidade a perder a vida por Ele e como Ele quer, o abandono ao seu desígnio. Em suma, dizer-lhe sempre sim, renovar o sim, o “Eis-me aqui” ao seu chamado. No fundo, a verdade de uma vocação mede-se pela escuta sempre renovada da voz do Amado que continua a chamar-nos para estar com Ele e sermos seus amigos.

Por isso, quando falamos de Sagrada Escritura, da importância de meditá-la, de escutar o Evangelho, os pais e a Igreja, por exemplo o magistério do Papa, não devemos pensar que se trate só de uma preocupação formativa para adquirir uma boa cultura cristã e monástica. Trata-se, ao contrário, de verificar se vivemos a vocação permanecendo à escuta d’Aquele que nos chama, permanecendo em uma escuta viva que alimenta e vivifica a nossa fidelidade. É como para aqueles que vivem a vocação matrimonial: não basta uma fidelidade formal, um respeito formal ao contrato de matrimônio: a relação matrimonial permanece fiel se se nutre de escuta recíproca, de relação afetiva, de real comunhão de vida.

Uma comunidade na qual não há silêncio e meditação da Palavra de Deus, não só com a cabeça, mas com o coração, não se torna só uma comunidade ignorante e superficial: torna-se infiel à vocação, ao chamado que faz da vocação uma vida sempre nova.

“A que vieste?": esta pergunta, portanto, não devemos escutá-la como se fosse a pergunta de uma prova, uma pergunta insidiosa que quer apanhar-nos em falta. Jesus, São Bento e São Bernardo sabem muito bem que sozinhos nós não somos capazes de uma fidelidade ao amor de Jesus sem traí-lo, sem renegá-lo. Jesus sabe que, mesmo quando prometemos como Pedro dar a vida por Ele, abandonados a nós mesmos acabamos sempre por renegá-lo. A resposta verdadeira, justa, a única que faz sentido, a única que responde à nossa vocação, a única que diz realmente “Sim” a Cristo é: “Jesus, eu vim porque tu me amas! Eu estou aqui porque a tua amizade me atraiu; e quero acolhê-la e assim me tornar, graças a Ti, um fiel amigo teu, capaz por graça de dar toda a minha vida por Ti, capaz de me tornar sempre mais um amigo fiel à tua fidelidade infinita sobre a qual devo apoiar-me totalmente se quero amar-te até o fim!”.

Por isso, depois da ressurreição, Jesus repropõe a Pedro, de modo mais explícito, a pergunta à qual Judas não quis responder. “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?” (Jo 21,15). Como se dissesse: “Amigo, vieste para amar o meu amor ou para outra coisa?”. Pergunta-lhe três vezes se está com Ele para corresponder à sua amizade. A Jesus basta que Pedro se recorde de que seguiu Jesus desde o início porque Jesus o escolheu gratuitamente. Não é de admirar, nem é grave, se alguém cai, se alguém renega. O importante é que o nosso amor renasça, ressuscite do amor de Cristo, da amizade de Cristo que por nós derramou todo o seu sangue na Cruz. E Pedro agora entende que lhe é pedido só isto, só esta fidelidade: “Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: ‘Amas-me?’ –, e respondeu-lhe: ‘Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo’” (Jo 21,17).

É só a partir dali que Jesus pode renovar tudo, a começar pelo nosso coração, e renovar, portanto, a nossa resposta à vocação que Ele nos ofereceu.

Quando o monge Romano encontrou o jovem Bento de Núrsia, que havia fugido das distrações de Roma, a primeira coisa que lhe perguntou, literalmente, foi “aonde ia”, “para onde tendia”: “*quo tenderet requisivit*”; e “ciente do seu desejo” deu-lhe o hábito monástico e o ajudou a encontrar um lugar e uma forma para viver a vida monástica na solidão de Subiaco (São Gregório Magno, *Diálogos*, II,1). No fundo, lhe perguntou “*ad quid venisti?*” enquanto ainda estava a caminho da vida monástica, como para verificar desde o início o desejo que lhe permitiria levar até ao fim o chamado da sua vocação. Romano não perguntou simplesmente aonde Bento ia em sentido geográfico, até porque São Bento não sabia para onde estava indo. Sabia do que fugia, Roma e as insídias de uma vida mundana, mas, como direção do seu caminho, tinha só o seu potente desejo de Deus e de vida em plenitude.

Este desejo de absoluto, de infinito, não é só um tema hagiográfico: é a natureza do nosso coração que, graças a Deus, encontramos frequentemente em tantos jovens ou pessoas que permaneceram jovens de coração. O problema é que frequentemente não encontram quem esteja interessado neste desejo e não em outra coisa, e que, portanto, os saiba orientar para uma vida que ajude este desejo a desabrochar, florescer e dar fruto.

O aspecto de decadência da vida religiosa mais grave, hoje como sempre, é quando, encontrando ou percebendo este desejo nos jovens que vagueiam sem saber para onde ir, a proposta dos “mestres” que encontram acaba por alimentar interesses parciais em vez de levar a sério o seu desejo de infinito, isto é, de Deus e da sua amizade.

São Bento, quando fala da acolhida dos candidatos à vida monástica, no capítulo 58 da Regra, é muito rigoroso com isso. Não quer que se engane o desejo profundo do coração humano, e se este desejo não existe, prefere que o candidato vá embora: pede que o mestre dos noviços verifique “*si revera Deum quaerit* – se procura verdadeiramente a Deus” (RB 58, 7). E acrescenta: “Sejam-lhe dadas a conhecer, previamente, todas as coisas duras e ásperas pelas quais se vai a Deus – *per quae itur ad Deum*” (58, 8). E é como se se começasse desde logo a educá-lo a repetir para si a pergunta “*ad quid venisti?*”: “Passados seis meses, leia-se-lhe a Regra, a fim que saiba para o que ingressa – *ad quod ingreditur*” (58, 12).

São Bento está preocupado que se mantenha vivo o desejo do escopo último pelo qual se abraça uma vocação, sobretudo se é uma vocação monástica, consagrada à busca de Deus, ao amor de Deus.

Tanto é verdade que, no momento da profissão definitiva, o noviço canta três vezes, juntamente com a comunidade, um versículo do Salmo 118: “Recebei-me, Senhor, segundo a vossa palavra e viverei; e não serei confundido em minha esperança – *ab expectatione mea*” (RB 58, 21, Sal 118, 116).

Sim, Deus não deve frustrar o desejo pelo qual viemos ao mosteiro, mas nós, em primeiro lugar, não devemos frustrar este desejo profundo do nosso coração. Não devemos, isto é, permanecer no caminho da nossa vocação traindo aquilo pelo qual viemos, aquilo pelo qual nos sentimos atraídos e ao qual dissemos sim. E quem deve conduzir a comunidade, quem deve formá-la, não deve esquecer-se de se interrogar por si mesmo e pelos irmãos ou irmãs que lhe foram confiados: “*Ad quid venimus?* – Para que viemos?”.

Como não recordar a frase um pouco exasperada de São Paulo: “Todos os demais buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (Fl 2, 21).

O que quer dizer “buscar os próprios interesses”? Quer dizer desviar para nós mesmos, ou para uma vantagem pessoal passageira e caduca, a direção que tende o nosso coração para Deus, para Cristo, para a sua amizade. Em vez de permanecer voltados Àquele por quem viemos – não apenas viemos ao mosteiro, mas viemos ao mundo, por quem nascemos –, nos dobramos sobre vantagens, interesses, valores, que já não são Ele, já não são para Ele, que já não são a sua amizade.

Dar-se conta disso, tomar consciência desta “traição” de Deus e daquilo pelo qual fomos feitos e chamados, pode ser, porém, o início de uma renovação, de uma vida nova, de uma verdadeira e própria ressurreição.